

COMÉRCIO EXTERIOR DOS AGRONEGÓCIOS BRASILEIROS 1997-2003: crescimento dos saldos comerciais e a agregação de valor¹

Sueli Alves Moreira Souza²
José Sidnei Gonçalves³
José Roberto Vicente³

1 - INTRODUÇÃO

As exportações tiveram, desde o surgimento do Brasil, ainda no seu período colonial, papel decisivo no processo de desenvolvimento nacional. No surgimento da agricultura comercial nas terras americanas sobre as quais edificou-se a nação brasileira, emerge a lavoura de exportação enquanto complexo produtivo, passando do ciclo canavieiro para o cafeeiro, os quais, ainda que antecederam ou intermeados por ciclos extrativistas como o do pau-brasil, borracha e ouro, deram a face do que atualmente se conhece como agricultura brasileira, competitiva no contexto internacional. Depois do ciclo do café no primeiro quartel do século XX, impulsionou-se a diversificação da agricultura e da pauta de exportações e nos dias atuais, a âncora externa ainda sustenta a economia brasileira, tendo como principais elementos os agronegócios.

Dessa maneira, uma constatação que perpassa toda a história do desenvolvimento nacional está associada à preponderância da agricultura na pauta de exportações brasileiras. Daí ser sempre relevante, no passado e no presente, estudar o movimento do comércio exterior dos produtos das cadeias de produção dos agronegócios. Em função disso, de forma singela porém sem fugir do debate, o trabalho enfoca com especificidade os agronegócios brasileiros na sua inserção no comércio exterior, tomando como base o crescimento das ações de comércio exterior verificado no período 1997-2003, cuja tendência

vem se mantendo em 2004, sem esgueirar-se por sofisticadas que descolam as análises econômicas do concreto, nada revelando sobre o real sentido do objeto.

2 - EVOLUÇÃO RECENTE DO COMÉRCIO EXTERIOR DOS AGRONEGÓCIOS: importância na economia continental brasileira

O comércio exterior brasileiro ganhou enorme vigor com a mudança da política cambial realizada no início de 1999. As exportações nacionais, que haviam recuado de US\$53,0 bilhões em 1997 para US\$48,0 bilhões em 1999 (-9,4%), recuperaram-se de forma vertiginosa no quadriênio 1999-2003, quando enseja um ritmo de crescimento significativo atingindo US\$73,1 bilhões (+52,2%), numa tendência que ainda permanece forte sustentando sucessivos recordes das vendas externas. As importações que também recuam no triênio 1997-99, caindo de US\$59,7 bilhões para US\$49,2 bilhões (-17,6%), após um novo movimento de alta para o patamar de US\$55,7 bilhões entre 2000 e 2001 (+12,9%), retomam sua tendência de queda no triênio 2001-2003, quando atingem o valor de US\$48,3 bilhões (-13,2%). No movimento global do comércio exterior tem-se uma vertiginosa redução dos *déficits* dos saldos da balança comercial que do patamar de -US\$6,8 bilhões em 1997 atinge -US\$0,7 bilhões em 2000, superando a realidade de sucessivos saldos negativos ao atingir US\$2,7 bilhões de *superávit* que segue tendência crescente para alcançar a expressiva soma de US\$24,8 bilhões em 2003, com a perspectiva de continuidade (Tabela 1). Esse desempenho, que se revela fundamental para a estabilidade macroeconômica brasileira, reduzindo constrangimentos no balanço de pa-

¹Registrado no CCTC n. IE-58/2004.

²Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

gamentos e cimentando as bases da menor vulnerabilidade externa, deriva da política comercial iniciada na virada do século com o ajuste na política cambial, associada a outras medidas de estímulo às vendas externas.

TABELA 1 - Evolução do Comércio Exterior, Brasil, Período 1997-2003
(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	52.994.341	59.747.227	-6.752.886
1998	51.139.862	57.714.365	-6.574.503
1999	48.011.444	49.210.314	-1.198.870
2000	55.085.595	55.783.343	-697.748
2001	58.222.642	55.572.176	2.650.466
2002	60.361.786	47.240.488	13.121.298
2003	73.084.140	48.259.592	24.824.548

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SE-CEX/MDIC.

O detalhamento setorial mostra a relevância dos agronegócios na economia brasileira, à medida que os saldos da balança comercial desse segmento econômico se mostraram sempre positivos no período 1997-2003. Isso porque as exportações, que haviam decrescido de US\$25,0 bilhões em 1997 para US\$21,7 bilhões em 1999 (-13,2%), retomam um ritmo de crescimento significativo no quinquênio 1999-2003 para atingir US\$32,4 bilhões no final do período (+49,7%). Por outro lado, as importações setoriais tiveram tendência de queda no período 1997-2003, reduzindo de US\$12,7 bilhões para US\$8,5 bilhões em 2003 (-32,95%), ainda que tenha havido recuperação das compras externas no último ano. Esse aumento das importações em 2003 decorre da pressão de demanda de insumos estratégicos nos quais o Brasil não tem auto-suficiência, como princípios ativos para defensivos agrícolas, matéria-prima para alguns fertilizantes, além de maquinaria para agroindústrias. Na globalidade do desempenho setorial após a queda entre 1997 e 1998 de US\$12,3 bilhões para US\$10,8 bilhões (-12,3%), os saldos comerciais se mostram crescentes, mais que dobrando no período 1998-2003, atingindo US\$23,9 bilhões em 2003 (+ 94,86%) (Tabela 2). A evolução dos indicadores de comércio exterior dos agronegócios mostram a competitividade setorial destravada pela desvalorização cambial do início de 1999, que, ampliando as possibilidades de aumento das vendas externas pela maior competitividade em preços, sustentou um salto significati-

vo das exportações na passagem de 2000-2001, ao mesmo tempo que reduziu, pelo encarecimento relativo, as importações que encolheram já em 1999. Isso se explica porque os maiores preços dos importados tiveram efeito imediato na sua demanda, enquanto a resposta da oferta de preços exige mais tempo para esse ajuste.

TABELA 2 - Evolução do Comércio Exterior dos Agronegócios, Brasil, Período 1997-2003
(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	24.964.219	12.688.685	12.275.534
1998	23.052.115	12.278.026	10.774.089
1999	21.664.966	9.109.132	12.555.834
2000	21.778.713	9.473.184	12.305.529
2001	25.007.401	8.560.573	16.446.828
2002	26.063.793	7.681.914	18.381.879
2003	32.427.269	8.507.679	23.919.590

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SE-CEX/MDIC.

O comércio exterior dos demais setores da economia brasileira, dimensionado pela exclusão dos agronegócios dos indicadores totais, mostra exportação crescente em todo período 1997-2003, saindo de US\$28 bilhões para alcançar US\$40,6 bilhões (+45,1%). Já as importações apresentam oscilações com queda no triênio 1997-1999 (US\$47,1 bilhões para US\$40,1 bilhões) acréscimo entre 1999 e 2001 (US\$40,1 bilhões para US\$47,0 bilhões) e nova redução entre 2001 e 2002 (US\$47,0 bilhões para US\$39,6 bilhões), patamar que se estabiliza em 2003 com US\$39,8 bilhões. Com isso, verificando todo o período 1997-2003, as importações dos demais setores recuam de US\$47,1 bilhões para US\$39,8 bilhões (-15,5%). Os saldos comerciais dos demais setores da economia, no período 1997-2003, evoluem de -US\$19,0 bilhões para US\$0,9 bilhão, apresentando uma substantiva redução dos *déficits* para atingir uma situação de *superávit* (Tabela 3). Um aspecto a ser ressaltado é que essa mudança decorreu da elevação da competitividade dos demais setores, fato refletido no crescimento das exportações que no período 1999-2003 cresceram mais que as dos agronegócios (+54,32% contra + 49,7%).

Numa avaliação do desempenho dos agronegócios no tocante à participação no comércio exterior, verifica-se uma estabilidade dos indicadores quando se comparam os anos extre-

TABELA 3 - Evolução do Comércio Exterior dos Demais Setores, Exclusive os Agronegócios, Brasil, Período 1997-2003

(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	28.030.122	47.058.542	-19.028.420
1998	28.087.747	45.436.339	-17.348.592
1999	26.346.478	40.101.182	-13.754.704
2000	33.306.882	46.310.159	-13.003.277
2001	33.215.241	47.011.603	-13.796.362
2002	34.297.993	39.558.574	-5.260.581
2003	40.656.871	39.751.913	904.958

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SE-CEX/MDIC.

mos do período 1997-2003, com representatividade setorial de 33,4% em 1997 e de 33,73% em 2003, embora seja verificada queda no quadriênio 1997-2000 (33,4% para 28,2%) revertida pelo incremento no quadriênio 2000-2003 (28,2% para 33,7%). Essa alternância decorre da evolução da participação setorial nas exportações brasileiras, que recuaram de 47,1% em 1997 para 39,6% em 2000 e cresceram desse ano para 2003 quando atingiram 44,4% das vendas externas nacionais, ainda que apresentando um nível aquém do verificado em 1997, com queda da representatividade setorial nas vendas externas, face ao maior crescimento dos demais setores da economia. Nas importações verifica-se movimento semelhante (Tabela 4). Em linhas gerais, com base nos indicadores de comércio exterior para o período 1997-2003, a participação relativa dos agronegócios se mantém no mesmo patamar no período ainda que tenham alternados queda e aumento em subperíodos menores. De qualquer maneira há que se destacar que a taxa de crescimento relativa das exportações da economia como um todo foi superior à dos agronegócios, conquanto sejam este o principal segmento exportador brasileiro, respondendo quase pela totalidade do *superávit* da balança comercial.

3 - PERFIL DO COMÉRCIO EXTERIOR DOS AGRONEGÓCIOS BRASILEIROS SOB A ÓTICA DA AGREGAÇÃO DE VALOR

O aprofundamento da análise do comércio exterior dos agronegócios brasileiros, detalhando seu perfil com base na agregação de

TABELA 4 - Evolução da Participação dos Agronegócios no Comércio Exterior, Brasil, Período 1997-2003

(em %)

Ano	Exportação	Importação	Comércio exterior ¹
1997	47,11	21,24	33,40
1998	45,08	21,27	32,46
1999	45,12	18,51	31,65
2000	39,54	16,98	28,19
2001	42,95	15,40	29,50
2002	43,18	16,26	31,36
2003	44,37	17,63	33,73

¹Comércio exterior tanto dos agronegócios como do total representa a soma das importações mais as exportações.

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SE-CEX/MDIC.

valor, permite avaliar o conteúdo das transações externas setoriais. No período 1997-2003, as vendas de produtos básicos cresceram de US\$11,2 bilhões em 1997 para US\$14,9 bilhões em 2003 (+33,23%), ainda que, nos anos intermediários, sua participação nas exportações totais dos agronegócios se eleva de 44,9% para 46,0%. Os negócios no exterior de oferta de semi-manufaturados crescem 33,23%, passando de US\$4,2 bilhões (16,8%) em 1997 para US\$6,3 bilhões (19,5%) em 2003, ganhando participação relativa nas exportações dos agronegócios. As transações com manufaturados aumentaram de US\$9,6 bilhões (38,4%) para US\$11,2 bilhões (34,5%) (Tabela 5). Noutras palavras, enquanto os produtos básicos e semi-manufaturados ampliam sua participação relativa dentro dos agronegócios brasileiros, os produtos manufaturados perdem posição, revelando uma piora do perfil e do conteúdo da pauta de vendas externas do setor.

Nas importações dos agronegócios, as compras de produtos básicos reduziram-se em 30,8% no período 1997-2003, saindo de US\$4,1 bilhões (32,4%) em 1997 para US\$2,8 bilhões (33,5%) em 2003. As aquisições de semi-manufaturados oscilaram no patamar médio de US\$1,03 bilhão, que em proporção cresceram de 7,7% para 12,6% em função da queda das importações totais dos agronegócios. Nos manufaturados, as compras setoriais reduziram-se em 39,6% no período 1997-2003, caindo de US\$7,6 bilhões (59,9%) em 1997 para US\$4,6 bilhões (54,0%) em 2003 (Tabela 6). Em linhas gerais continuam a preponderar nas importações dos agronegócios os produtos manufaturados com as aquisições de bens de capital setorial representando mais da metade das transações, ainda que com perda de participação relativa.

TABELA 5 - Evolução do Perfil de Agregação de Valor nas Exportações dos Agronegócios, Brasil, Período 1997-2003

Ano	Básicos		Semi-manufaturados		Manufaturados	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	11.198.061	44,86	4.190.752	16,79	9.575.406	38,36
1998	9.270.391	40,21	4.388.012	19,04	9.393.712	40,75
1999	8.628.868	39,83	4.410.633	20,36	8.625.465	39,81
2000	8.821.800	40,51	4.281.683	19,66	8.675.230	39,83
2001	11.179.387	44,70	4.784.304	19,13	9.043.710	36,16
2002	11.691.512	44,86	4.842.661	18,58	9.529.620	36,56
2003	14.919.677	46,01	6.311.446	19,46	11.196.146	34,53

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 6 - Evolução do Perfil de Agregação de Valor nas Importações dos Agronegócios, Brasil, Período 1997-2003

Ano	Básicos		Semi-manufaturados		Manufaturados	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	4.113.296	32,42	971.911	7,66	7.603.478	59,92
1998	4.177.399	34,02	1.049.091	8,54	7.051.536	57,43
1999	2.845.719	31,24	942.627	10,35	5.320.786	58,41
2000	2.883.245	30,44	1.156.928	12,21	5.433.011	57,35
2001	2.383.932	27,85	1.037.265	12,12	5.139.376	60,04
2002	2.335.519	30,40	1.016.580	13,23	4.329.815	56,36
2003	2.845.861	33,45	1.072.282	12,60	4.589.536	53,95

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Na análise do saldo comercial dos agronegócios, a balança dos produtos básicos tem incremento de 70,4% no *superávit* obtido no período 1997-2003, saindo de US\$7,1 bilhões (57,7%) para US\$12,1 bilhões (50,5%), mantendo-se como principal perfil do comércio externo setorial com a metade do saldo gerado. Os semi-manufaturados também mostram saldo crescente em 62,7% no horizonte de tempo analisado, evoluindo de US\$3,2 bilhões (26,2%) em 1997 para US\$5,2 bilhões (21,9%) em 2003, também reduzindo sua participação relativa, superados pelos manufaturados cujos saldos cresceram 235,03%, saindo de US\$2,0 bilhões em 1997 (16,1%) para US\$6,6 bilhões (27,6%) em 2003 (Tabela 7). Em linhas gerais, ainda que da ótica do conteúdo dos *superávits* obtidos tenha havido crescimento relativo dos produtos de maior valor agregado, os manufaturados, no Brasil, há uma inequívoca preponderância dos produtos básicos.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do comércio exterior brasileiro no período 1997-2003 mostra os agronegócios

como o principal segmento exportador brasileiro; isso porque no horizonte de tempo considerado, as exportações dos agronegócios cresceram menos proporcionalmente às exportações totais. Esse desempenho dos agronegócios, consolidando-se como principal negócio de economias continentais como a brasileira, demonstra o patamar de competitividade adquirido pelo setor no contexto da economia internacional. Ainda que enfrentando políticas protecionistas e constrangimentos, como falta de investimento em infraestrutura como a de transporte, ampliam-se as vendas externas dos agronegócios. Isso se dá, principalmente, após 2001 num processo seguinte à desvalorização cambial de 1999, que fez magnificar as possibilidades dessas vendas externas, permitindo aos agentes econômicos setoriais usufruírem da desoneração tributária efetuada pela Lei Federal n. 87/96 (Lei Kandir) em função do fim do processo de ajuste interno de acesso ao financiamento decorrente da securitização da dívida dos agricultores da segunda metade dos anos 90s do século XX. Esse processo, cuja maturação se dá na virada do século pela sequência das parcelas pagas, ao reabrir para essa massa de empreendedores o financiamento ban-

TABELA 7 - Evolução do Perfil de Agregação do Saldo Comercial dos Agronegócios, Brasil, Período 1997-2003

Ano	Básicos		Semi-manufaturados		Manufaturados	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	7.084.765	57,71	3.218.841	26,22	1.971.928	16,06
1998	5.092.992	47,27	3.338.921	30,99	2.342.176	21,74
1999	5.783.149	46,06	3.468.006	27,62	3.304.679	26,32
2000	5.938.555	48,26	3.124.755	25,39	3.242.219	26,35
2001	8.795.455	53,48	3.747.039	22,78	3.904.334	23,74
2002	9.355.993	50,90	3.826.081	20,81	5.199.805	28,29
2003	12.073.816	50,48	5.239.164	21,90	6.606.610	27,62

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

cário, alargou os horizontes da modernização que dilataram as bases da competitividade firmadas em novos investimentos que aumentaram a capacidade produtiva no campo.

O detalhamento do perfil do comércio exterior dos agronegócios mostra da ótica da agregação de valor, entretanto, uma maior força dos produtos de menor valor agregado como os básicos, que ainda preponderam nas exportações, enquanto nas importações setoriais prevalecem os manufaturados. Nesse sentido, verifica-se ainda a prevalência do quantitativo sobre o qualitativo no avanço das transações externas dos agronegócios. Destaque-se que se pode

notar um avanço das vendas e queda nas compras de manufaturados, mas em níveis que ainda não alteraram o perfil do comércio externo dos agronegócios nacionais; pois a quase metade do que se vende consiste em produtos básicos e mais da metade do que se compra são manufaturados. Por certo há uma lógica no mercado internacional para que assim ocorra, mas, de qualquer maneira, a luta para alterar esse perfil, gerando mais emprego e agregando mais renda interna, representa elemento que deve estar sempre presente na formulação e execução de políticas comerciais e nas negociações internacionais.